

Um Bocado de História

Os primeiros passos dentro da Faculdade

Prof. Mario Totta.

A Escola de Medicina de Pôrto Alegre é uma palma de idealismo e uma lição de devotamento.

Fazia poucos anos, o Rio Grande acordava de mais uma revolução. A flôr da terra, em coxilhas e canhadas, bom ao pé das casas grandes da es-tância e dos ranchos de sapé, ossadas e ossadas jaziam, mal sepultas ainda. Tinha irrompido, em 93, a luta fraticida e em 97 o negror do crépe cobria por inteiro famílias e famílias. Nos campos despovoados, nos lares entristecidos e nos fogões apagados, resoavam clarinando ou arrigiando os lances e as barbaridades.

Havia na alma da gente um sonho que aneeiava pela realidade; uma vontade impaciente de esquecer tudo aquilo. Aflição de apagar de vez as tintas negras do quadro. Anhelos de trocar aquelas velas acêsas pela alma dos mortos nos entrevêros sanhudos por uma claridade mais alta. Aspi-ração de levar o espírito para longe do cenário ainda estertorante. Sofre-guidão de ensarilhar as lanças, cansadas de tanto sangue e de tanto horror nos éstos das cargas sem glória.

Lá de cima desciam, claras e cantantes, rolando ladeira abaixo, como águas cristalinas e scoras, vozes harmoniosas e límpidas que pré-gavam, un-gidas de fascínio, o culto das letras e das ciências. Vinham da Baía, vinham de Recife, vinham do Rio, vinham de São Paulo.

Do dorso das nossas coxilhas avistava-se lá longe a montanha do norte que crescia, avultava aos nossos olhos e deslumbrava como o píncaro do Sinai derramando pelas planícies atonitas as palavras da Sabedoria.

Foi então, nesse ambiente, ha pouco regado de sangue irmão e agora sulcado pelo arado de um sentido redentor, que a Escola de Medicina foi plantada, como galho promissor numa terra á feição.

A porta, uma porta quasi esconsa, abriu-se ali na rua General Vitorino.

Era a Faculdade simples vergonteia transplantada de outra arvore que, no mesmo eito, deu em profusão flores e frutos: a Escola de Farmácia.

A porta abriu a medo, devagarinho, para que não rangessem com grande arruido os ferrolhos e as fechaduras.

Mas logo por ela entrou, alvoroçada, uma chusma de sequiosos. Eramos doze, como os apóstolos nas estradas ásperas.

As aulas começaram como começam nas creaturas os primeiros passos tímidos e hesitantes — cai aqui, levanta acolá. E, em pouco, iniciou-se a corrida porfiada e ofegante entre mestres e alunos a disputarem em trabalho extrenuo o maiorquinhão no acêrto do ensinar e no garbo do aprender.

Não vem de molde neste passo trazer á baila as lacunas, os sacrifícios e os heroísmos daquelas páginas já agora esmaecidas, e, em certas linhas, ofuscadas pelo fulgor das que vieram depois.

Não havia livros didáticos nem aparelhos que às direitas se impuzessem. Daqueles, entre o pedido e a remessa escoavam pelo menos de quarenta a cinquenta dias e os volumes que chegavam (poucos para experimentar o mercado ainda desconhecido) eram em primeira mão recebidos pelo professor. Tinha de ser.

Estudávamos em calhamaços vetustos e em tomos venerandos, disputando às traças os restos da comezaina. Só eu me lembro de ter copiado na Biblioteca Pública quasi todo o tratado de Terapêutica de Rabuteau, grosso volume de mil e tantas folhas!

Prestimoso e inolvidavel Rabuteau...

E que de vezes encontrávamos, dentro dos livros, o nosso mestre todo inteirinho, sem esquecimento de uma vírgula e com a palavra guirlandada de galicismos chocantes!

Abriram-se os gabinetes e as salas de estudo das disciplinas básicas, com aparelhos catados aqui e ali em colégios públicos e alguns tomados de empréstimo à Escola Normal. No necrotério, trabalhávamos às escondidas, com receio das palmatoadas do povo, horrorisado do sacrilégio. Quasi ao tempo em que o estudo de anatomia era feito nos subterrâneos.

As enfermarias da Santa Casa — essas sim — descerraram largamente as portas e por elas entrámos, os doze, ávidos, entusiastas e donairesos. O avental de estudante era um manto real!

O que mais nos custou foi a obrigação taxativa de decorar logo de entrada o formulário do Pio Estabelecimento. Para economisar os livros do receituário, os remédios deviam ser indicados tão sómente pelo número convencional: 283: poção de kermes mineral; 16: aguardente alemã; 523: poção de Jaccoud e assim por diante, num total de mil e tantas fórmulas.

Mas no fim das contas toda essa canseira foi nada e depressa sumiu-se, alijada pelo esplendor dos horizontes novos que para nós se desdobravam hora a hora. A provação devia nos conceder graças radiosas e à farta nos concedeu.

Sinto-as, bem vivazes, as horas de mágico encantamento que nos proporcionaram, em preleções admiráveis e inesquecíveis, mestres de soberba estatura: o sábio Olinto de Oliveira, primaz pela cultura e inamolgavel na austeridade; Sarmiento Leite, que fazia a sua erudição caminhar, com porte airoso e em perfeito equilíbrio durante uma hora, sobre a quina de um osso de meio palmo e... deixava ainda, para a aula seguinte, o resto da caminhada; Serapião Mariante em que a gallardia do mestre se ostentava de parceria com a bondade cristianíssima; Artur Franco operande com admiravel proficiência; Carlos Wallau, abrindo aristocraticamente os ventres, made in Germany; Protasio Alves, luzeiro na especialidade; Victor de Brito em quem não se sabia que mais admirar: si a profundidade do saber, si o entono do verbo esmaltado e perfeito.

Tenho ainda clara na retina uma aula de Ramiro Barcelos, na cadeira de propedêutica médica, sobre um caso de cancer do pâncreas. Para não dar ao doente mostras do irremediavel infortunio da molestia, Ramiro nos dar ao doente mostras do irremediavel infortúnio da moléstia, Ramiro nos arvores seculares, dissertou, como Sócrates entre os discípulos.

E com que inenarrável emoção assistimos, no dia seguinte, á intervenção em que o destro e audacioso bisturi de Adolfo Josetti expoz aos nossos olhos deslumbrados o primor do julgamento e o acêrto da sentença!

Tudo isso num tempo distante em que os diagnósticos emergiam apenas dos exames clínicos e se aprumavam sem escóras, solidamente amparados na esmerada observação do doente, à luz do raciocínio desbravador. Não havia laboratórios de pesquisas elucidativas e os raios X dormiam ainda no cérebro de Roentgen.

A Ramiro, sucederam, naquela época, o espírito estudioso de Deoclécio Pereira, a cintilante sagacidade de Sebastião Leão, a meticulosidade observadora de Jacinto Gomes e a peregrina inteligência de Octavio de Souza, êste — professor em que à maravilha se enfeixavam todos os predicados do clínico às direitas. E outros e tantos outros, extremados todos na justeza do ensinar.

De ano para ano a Escola desdobrava-se, excedia-se, caminhava com passo mais firme, enriquecia-se de obras de tomo, opulentava-se de material moderno, enchia largamente o celeiro, iluminava com clarão mais rútilo o espírito dos alunos, consolidava enfim os seus fundamentos.

Depois, no rolar dos tempos, com o testemunho dos seus diplomados, com o brilho e a austeridade de seus concursos para o provimento das cátedras, com a provisão das suas forjas de ensino e de aprendizagem, a Escola dia a dia mais se impunha e, alfin, definitivamente impoz-se aos clhos do Brasil, como oficina de labor cumprido á risca, como padrão de cultura científica.

O clima, de resto, foi propício. O Rio ficava lá muito longe, os meios de transporte escassos e tardos; as viagens dispendiosas. Ademais, a aflitiva preocupação dos pais, com o filho distante e em terras onde a febre amarela campeava.

Por sua vez, o cenário aqui concitava ao estudo. Estimulava. Atraía os sequiosos do livro. O culto das ciências subia alto e perfumava os espíritos. Vinha dos turibulos fumegantes da Escola de Farmácia — célula mater dessa exaltação espiritual — e da Escola de Engenharia e da Escola de Direito e de tantas outras que foram abrindo as portas, a que afluíam aspirantes de cultura, em ondas de ano para ano mais volumosas.

Em pouco o Rio Grande começou, quer sob o ponto de vista econômico, quer sob o ponto de vista cultural, a colher a mancheias os frutos da seára.

Já então no sólido prestígio de um autoridade assentada em copioso acervo de trabalhos originaes de fôlego, em amostras de idoneidade exibidas pelos discípulos nos labores da vida profissional e, com mais alto luzimento, em porfiados concursos no Rio e na Baía, nos quais os nossos titulares conquistavam os primeiros lugares, a Faculdade de Medicina elevou o conceito do meio.

A emigração dos doentes que antes era feita em larga escala, através a fronteira, para as bandas do Uruguai e da Argentina, em busca de bons médicos, começou a escassear e estancou de todo. Edificava-se nos corações, em face das provas, a fé nos nossos clínicos. A Faculdade transformou-se em barreira vigorosa represando o escoamento das economias do Brasil meridional.

E nunca erá demasiado, por mais alto que o espírito alce o vôo — o culto da nossa veneração por aqueles obreiros inolvidaveis, de ânimo herói-

co e de alma cristalina, que assentaram, a preço de sacrifícios ingentes, o marco inicial da cruzada luminosa.

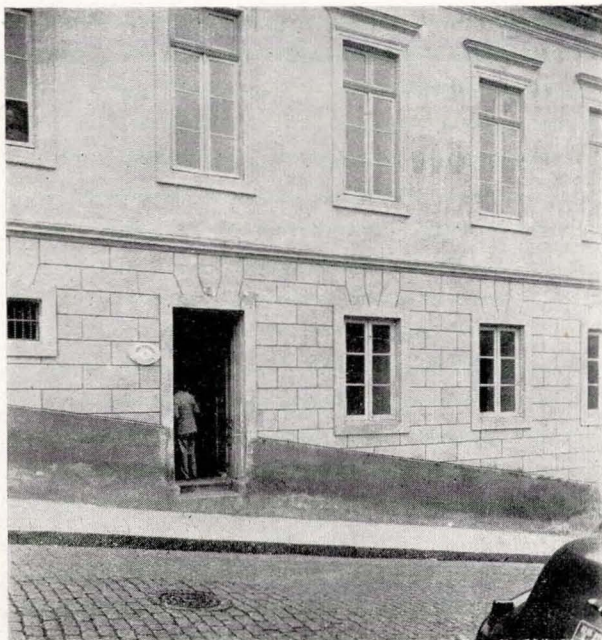
Incansáveis na lida, estóicos nos revêzes, primorosos no desprendimento, velejando com panos escassos por entre temporais desabridos, calando dissabores e afrontando obstáculos de monta, cavaram bravamente a terra e nela plantaram as primeiras sementes, tudo sem retribuição de uma paga, sem ouvirem o tinir de qualquer moeda! Todo esse afan tinha um unico sonho a enflorar aquelas almas predestinadas: — o de servir ao Rio Grande.

Tempora mutantur!

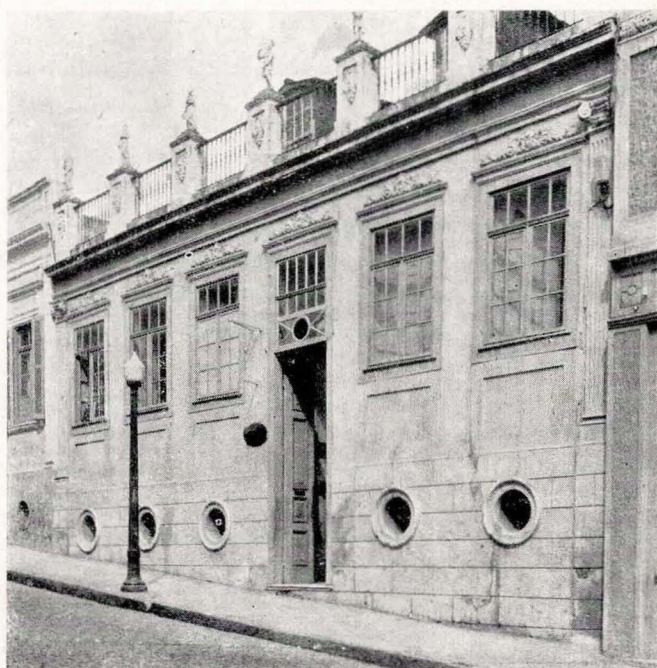
A Faculdade de Medicina aí se apruma, no fastígio da sua glória.

Aquela montanha que vislumbrávamos, a espargir, como o Sinaí, pelas planícies atônitas, as palavras da sabedoria, têmo-la, agora, magestosa, bem aos nossos olhos: a Escola de Medicina de Pôrto Alegre póde hoje, ufana, insculpir na sua fachada alterosa os versos de Horacio:

“Exegi monumentum aere perennius”.



Sub-porão da Escola Normal, na Ladeira do Liceu, onde funcionou a Escola de Farmácia e onde a Faculdade de Medicina, fundada em 1899, realizou os dois primeiros anos de ensino.



Prédio, á rua General Vitorino, em que funcionou a Faculdade de Medicina de 1900 a 1924, e onde está atualmente instalado o Instituto Osvaldo Cruz.